



As Práticas e a Docência em Música

Josiane Paula Maltauro Lopes
(Organizadora)

Josiane Paula Maltauro Lopes
(Organizadora)

As Práticas e a Docência em Música

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P912	As práticas e a docência em música [recurso eletrônico] / Organizadora Josiane Paula Maltauro Lopes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-548-8 DOI 10.22533/at.ed.488192008 1. Música – Instrução e estudo. 2. Prática de ensino. 3. Professores de música – Formação. I. Lopes, Josiane Paula Maltauro. CDD 780.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ao nos referirmos às práticas e à docência em música, abordamos temáticas que vão além do ensino e aprendizagem da música no âmbito tradicional. A prática musical envolve as questões da performance de modo como o músico se prepara para tal. O que está em voga, nos dias atuais, é justamente a análise e a revisão de métodos e práticas a fim de torná-los cada vez mais proveitosos no desenvolvimento musical diante de uma sociedade em constante transformação. Ao mesmo tempo, as análises e revisões de métodos e metodologias do ensino de música tornam a docência uma atividade viva, dinâmica e que está continuamente em processo de renovação.

O livro “As práticas e a docência em música” aqui apresentado, se inicia com um capítulo que busca levantar discussões importantes sobre como a legislação em vigor reconhece a música na Educação Infantil, por intermédio de um estudo voltado para os documentos orientadores das práticas escolares, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 2017) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), justapondo-se aos estudos teóricos sobre o desenvolvimento da linguagem segundo Piaget (2015), Vygotsky(1993). Intitulado “Traços, sons, cores e formas: a linguagem musical na base curricular da Educação Infantil”, este primeiro capítulo aponta que a evolução das concepções de aprendizagem evidenciam as contribuições da música, mas é preciso que os ambientes sejam construídos com fluidez nos conceitos, reflexões, e oportunidades reais de experiências concretas, ou não, do aluno com a música, e isso implica em um diálogo educacional articulado com a legislação, com as necessidades da comunidade em que se insere e sempre atento ao sujeito que integra o contexto.

No segundo capítulo, cujo título é “Educação musical e sociologia da infância: uma aproximação a partir da proposta pedagógica de Carl Orff” é apresentada uma leitura das ideias de Carl Orff à luz de conceitos como reprodução interpretativa e cultura de pares, de modo a apontar para especificidades acerca da concepção de infância que orientam o aporte orffiano. Nesse sentido, ressalta-se que, ao lidar com a abordagem orffiana, faz-se necessário refletir sobre o que se entende por processos de ensino e aprendizagem mais adequados ao fazer musical na infância no tempo presente.

O terceiro capítulo discute as relações entre *autonomia* e *transmissão de conhecimento* em uma prática educativa fomentadora do processo criativo. Com o título “Sobre autonomia e transmissão de conhecimento no processo criativo inserido em uma prática educativa” o autor propõe uma análise que permite tomarmos as relações entre autonomia e transmissão de conhecimento como um processo dialético, provendo elementos para a reflexão da educação musical.

Na sequência, apresentamos o capítulo quatro, cujo título é “A improvisação livre como ferramenta pedagógica no movimento escola moderna”. Neste capítulo o

autor apresenta um histórico da educação musical no Movimento Escola Moderna, iniciado pelo educador francês Célestin Freinet buscando aproximar esta abordagem pedagógica e os leitores da área da educação musical. Além disso, são apresentados dois conceitos freinetianos que direcionam as atividades escolares às práticas criativas: livre expressão e tateamento experimental. Para fechar o capítulo o autor relaciona características da improvisação livre com conceitos freinetianos por meio de exemplos de atividades realizadas por professores.

O quinto capítulo trata a respeito da possibilidade de uma contradição na teoria da audição a qual aproxima-se da Psicologia Histórico-Cultural quando esboça a problematização do significado como uma relação entre a linguagem e pensamento. Com o título “As relações entre linguagem, pensamento e significado na teoria da audição: dos limites de uma contradição às contribuições para a pedagogia histórico-crítica” o capítulo aponta que as contribuições da teoria da audição podem ser decisivas neste caminho, já que nela estão pré-formuladas tentativas de definir elementos essenciais da Psicologia Histórico-Cultural como a imagem subjetiva da realidade objetiva, a linguagem e o pensamento.

“Espanhol para falantes brasileiros e português brasileiro para falantes hispano-americanos: dois estudos de caso em dicção para cantores” é o título do sexto capítulo que apresenta dois estudos de caso ocorridos na disciplina Dicção em cursos de canto: o primeiro, com alunos brasileiros de curso técnico na interpretação de repertório espanhol; o segundo, com hispano-americanos de curso de graduação na interpretação de repertório brasileiro. As conclusões apontam que o professor de canto contribui ao aplicar estudos de fonética articulatória, alfabeto fonético internacional, transcrição fonética, com ênfase nas características fonético-fonológicas que distinguem cada uma destas línguas, para que os alunos possam cantar estes e outros repertórios com dicção adequada.

No sétimo capítulo são apresentadas as mais comuns dificuldades técnicas encontradas por um barítono. O objetivo do trabalho foi contextualizar questões importantes para o treino vocal dos cantores dessa classificação. As conclusões apontam para existência de subclasificações para a voz de barítono bem como as principais dificuldades que os barítonos encontram na prática vocal.

Seguindo para o fechamento deste livro, o oitavo capítulo intitulado “A influência do canto na interpretação instrumental e da viola de arco nos séculos XVI a XIX”, apresenta a proximidade interpretativa que houve pela história entre instrumentos e canto, e viola e canto. As considerações finais evidenciam a influência que as teorias ligadas à expressividade da fala e da voz exerciam sobre a prática vocal, que era modelo de interpretação expressiva para os instrumentos, principalmente dos séculos XVI ao XIX.

No último capítulo, cujo título é “Processos cognitivos na metodologia de Otakar Ševčík para a aprendizagem inicial do violino”, destaca-se a aplicabilidade de procedimentos relativos à memória muscular e ao desenvolvimento auditivo presentes

na metodologia de ensino de Ševčík para o aprendizado inicial do violino. No capítulo, os autores enfatizam legado de Ševčík, do qual apreende-se que a interligação correta de processos cognitivos atua positivamente na execução de movimentos simultâneos complexos, e que as percepções auditivas, visuais e cinestésicas, se estimuladas conscientemente, conduzem de modo decisivo o aprendizado.

Desejamos que este material possa somar de maneira significativa às abordagens de práticas musicais, bem como, às atividades relacionadas à docência em música. Parabenizamos os autores pelas pesquisas bem fundamentadas, e principalmente à Atena Editora por permitir que o conhecimento seja difundido e disponibilizado para que as novas gerações se interessem cada vez mais pela prática e pela docência em música.

Josiane Paula Maltauro Lopes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS: A LINGUAGEM MUSICAL NA BASE CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Géssica Pereira Monteiro Rangel	
DOI 10.22533/at.ed.4881920081	
CAPÍTULO 2	8
EDUCAÇÃO MUSICAL E SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA: UMA APROXIMAÇÃO A PARTIR DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE CARL ORFF	
Tamy de Oliveira Ramos Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.4881920082	
CAPÍTULO 3	15
SOBRE AUTONOMIA E TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO NO PROCESSO CRIATIVO INSERIDO EM UMA PRÁTICA EDUCATIVA	
Thiago Xavier de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.4881920083	
CAPÍTULO 4	23
A IMPROVISAZÃO LIVRE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO MOVIMENTO ESCOLA MODERNA	
Tamy de Oliveira Ramos Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.4881920084	
CAPÍTULO 5	31
AS RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM, PENSAMENTO E SIGNIFICADO NA TEORIA DA AUDIÇÃO: DOS LIMITES DE UMA CONTRADIÇÃO ÀS CONTRIBUIÇÕES PARA A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA	
Thiago Xavier de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.4881920085	
CAPÍTULO 6	43
ESPAÑHOL PARA FALANTES BRASILEIROS E PORTUGUÊS BRASILEIRO PARA FALANTES HISPANO-AMERICANOS: DOIS ESTUDOS DE CASO EM DICÇÃO PARA CANTORES	
Jeanne Maria Gomes Rocha Lorenzetti	
DOI 10.22533/at.ed.4881920086	
CAPÍTULO 7	51
BARÍTONOS: PARÂMETROS VOCAIS DESEJADOS NA PEDAGOGIA DO CANTO, DIFICULDADES TÉCNICAS COMUNS E SUBCLASSIFICAÇÕES	
Régis Luís de Carvalho Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4881920087	
CAPÍTULO 8	64
A INFLUÊNCIA DO CANTO NA INTERPRETAÇÃO INSTRUMENTAL E DA VIOLA DE ARCO NOS SÉCULOS XVI A XIX	
Cindy Folly Faria	
DOI 10.22533/at.ed.4881920088	

CAPÍTULO 9	71
PROCESSOS COGNITIVOS NA METODOLOGIA DE OTAKAR ŠEVČÍK PARA A APRENDIZAGEM INICIAL DO VIOLINO	
Carmela de Mattos	
Cáudia Zanini	
Eliane Leão	
DOI 10.22533/at.ed.4881920089	
SOBRE A ORGANIZADORA	80
ÍNDICE REMISSIVO	81

EDUCAÇÃO MUSICAL E SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA: UMA APROXIMAÇÃO A PARTIR DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE CARL ORFF

Tamya de Oliveira Ramos Moreira

Universidade de São Paulo, Programa de Pós-
Graduação em Música
São Paulo – SP

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar uma aproximação entre as áreas da educação musical e os estudos da infância. Para uma análise crítica de alguns aspectos da abordagem didática de Carl Orff, valemo-nos de conceitos como *cultura de pares* e *reprodução interpretativa*, oriundos da sociologia da infância. Este trabalho justifica-se pela grande presença desta abordagem na educação musical brasileira e pretende explicitar a necessidade de uma constante reflexão acerca das concepções de infância e dos paradigmas estéticos que subjazem às abordagens pedagógicas. Neste trabalho, a aproximação entre as áreas citadas aponta para questões como a naturalização de repertórios que seriam próprios à infância e à complexidade das relações culturais entre adultos e crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Carl Orff, reprodução interpretativa, cultura de pares

MUSIC EDUCATION AND SOCIOLOGY OF CHILDHOOD: AN APPROACH ON CARL ORFF PEDAGOGICAL PROPOSAL

ABSTRACT: This paper intends to present an approach between music education and childhood studies. In order to do a critical analysis of some aspects in Carl Orff's didactic proposal, we take concepts from the sociology of childhood, such as *peer culture* and *interpretive reproduction*. This work is justified by the considerable presence of this method in Brazilian music education and aims to make explicit the need for constant reflection on the conceptions of childhood and the aesthetic paradigms that underlie pedagogical methods. In this work, the approach between the mentioned areas points to questions such as the pertinence of repertoires to childhood and to the complexity of cultural relations between adults and children.

KEYWORDS: Carl Orff, interpretive reproduction, peer culture

1 | INTRODUÇÃO

Este texto tem por objetivo apresentar uma aproximação entre a educação musical e os estudos da infância e é resultado parcial de pesquisa de doutorado. O estudo se deu no Programa de Pós-Graduação em Música

da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Alencar de Brito. Desenvolvido entre 2015 e 2019, na área de concentração *Processos de criação musical* e linha de pesquisa *Música e Educação: processos de criação, ensino e aprendizagem*, a investigação contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), processo 2015/01978-0. Sendo o tema central da investigação a valorização dos processos criativos em meio às propostas pedagógicas em educação musical no último século, buscou-se, com o início da pesquisa, uma ampliação de aporte teórico que possibilitasse interpretar de maneira mais completa e complexa algumas dessas propostas pedagógicas.

Neste ponto, os estudos da infância – mais especificamente em âmbito sociológico – apresentam-se como campo cuja constituição conceitual pode auxiliar na compreensão acerca das distintas concepções de infância que subjazem em determinadas propostas de educação musical. De acordo com o tema da pesquisa, buscou-se por propostas e ideias que valorizassem as atividades de criação – compreendendo composição, improvisação e elaboração de arranjos. Neste artigo, é apresentada uma leitura das ideias de Carl Orff à luz de conceitos como *reprodução interpretativa* e *cultura de pares*, de modo a apontar para especificidades acerca da concepção de infância que orientam o aporte orffiano. Na medida em que algumas ideias pedagógicas ainda fundamentam práticas e discussões em educação musical, parece profícuo que as concepções de infância que carregam, por vezes tacitamente, sejam explicitadas e levadas em consideração em eventuais esforços de atualização e contextualização.

Considerando a seguinte afirmação de Sarmiento (2007), ao tratar das imagens sociais da infância a partir de James, Jenks e Prout,

As diversas imagens sociais da infância frequentemente se sobrepõem e confundem no mesmo plano de interpretação prática dos mundos das crianças e na prescrição de comportamentos e de normas de atuação. Não são compartimentos simbólicos estanques, mas dispositivos de interpretação que se revelam, finalmente, no plano da justificação da ação dos adultos com as crianças (SARMIENTO, 2007, p. 33)

parece evidente que o presente estudo não desvelará imagens unívocas ou demasiadamente simples, mas acredita-se que pode evidenciar pressupostos que auxiliem sobretudo na reflexão sobre dois aspectos: o desenvolvimento histórico da educação musical no século passado e as implicações de pensar determinadas propostas pedagógicas em diálogo com a contemporaneidade. Ainda considerando a supracitada afirmação, parece pertinente a tentativa de operar tal investigação não apenas a partir dos discursos proferidos a respeito da criança, mas também, a partir da constituição do papel do adulto como educador nesta proposta.

2 | INFÂNCIA E EDUCAÇÃO MUSICAL

Ao tomar como foco de nossa investigação o processo criativo em determinadas propostas pedagógico-musicais, assumimos tal aspecto como ponto de partida para a seleção de materiais a serem analisados e buscamos ampliar a capacidade de análise através da aproximação com outras áreas.

É notável que no século XX a infância tenha sido tomada como assunto relevante, seja na pedagogia, psicologia e, posteriormente, também em disciplinas como sociologia e antropologia; mas não apenas nos sistemas produtores de conhecimento científicos, figurando cada vez mais nas mídias, nas agendas políticas, na opinião pública de maneira geral (SARMENTO, 1997). No campo da educação musical, datam deste século as primeiras propostas pedagógicas centradas na infância e que buscam os modos mais adequados para o ensino e a aprendizagem da música nos primeiros anos de vida.

Partindo do foco nos processos criativos, acredita-se que a abertura de espaço para as atividades de composição e improvisação das crianças tenha estado em consonância com todo este movimento de valorização da infância. Desta maneira, para compreender a história da educação musical no último século, faz-se necessário investigar de que maneira a infância figura nas propostas pedagógicas.

A abordagem de Carl Orff, aqui tomada como objeto de estudo, justifica-se pelo valor histórico, visto que foi uma das primeiras propostas a preocupar-se com modos de ensino e aprendizagem próprios às crianças, e por ser ainda fortemente presente na formação de educadores e nas práticas de educação musical na contemporaneidade.

3 | UMA PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL NA INFÂNCIA

O compositor e educador alemão Carl Orff (1895 – 1982) teve como experiência fundante de sua proposta pedagógica o trabalho desenvolvido na Günterschule, em Munique, com estudantes de ginástica, dança e música (BONA, 2011). Nesta escola, criada por Dorothee Günther em 1924, Orff trabalhou com Gunild Keetman, na área de música e movimento, e com Maja Lex, bailarina discípula de Rudolf von Laban. O funcionamento da Güntherschule chegou ao fim em 1944, em decorrência de sua total destruição durante a Segunda Guerra Mundial.

O trabalho desenvolvido pelos artistas e educadores na Günterschule tinha como foco a integração entre música e movimento. As aulas se davam de maneira que os alunos não apenas dançavam ou tocavam, mas se revezavam nestas funções.

A experiência de integração de linguagens artísticas está diretamente ligada a um dos fundamentos da proposta pedagógica do músico alemão e de sua atividade como compositor: a *música elementar* (BONA, 2011). A integração de linguagens é apontada por Graetzer e Yepes (1983) como o objetivo principal da proposta pedagógica orffiana. O objetivo é a criação de um espaço de atividade artística onde linguagem, movimento

e música sejam inseparáveis, entendidos como unidade (BONA, 2011). A condição de *elementar* estaria ligada a práticas artísticas de épocas remotas e que ainda estão presentes em sociedades menos ligadas aos processos de produção e economia contemporâneos (GRAETZER; YEPES, 1983). Sobre a *música elementar*, é possível ler um trecho de conceituação do próprio autor:

O que é elementar? Elementar, em latim *elementarius*, que dizer “pertencente aos elementos, primeira matéria, primeiro princípio, relacionado ao princípio”. Prosseguindo, o que é música elementar? Música elementar jamais será unicamente música, ela está interligada ao movimento, à dança e à linguagem, é aquela música, realizada pessoalmente pelo indivíduo, com a qual ele está vinculado como executante e não apenas como ouvinte. Ela é pré-espiritual, desconhece as grandes formas e a arquitetura, ela contém pequenas formas de sequências, *ostinati* e pequenos rondós. Música elementar está à flor da terra, é natural, corpórea, pode ser aprendida e vivenciada por todos, é adequada à criança (ORFF apud BONA, 2011, p. 140)

A busca por uma *música elementar* e o posterior trabalho ao lado de Keetman com crianças convergiram para o repertório oral das brincadeiras infantis. A predominância de rodas, versos, adivinhas, acalantos, entre outras expressões deste repertório oral, em várias culturas de diversos países e épocas seria a prova, para estes educadores, da existência de uma música verdadeiramente infantil (GRAETZER; YEPES, 1983). Estas manifestações estão todas ligadas ao ideal de *música elementar*, pois integram música, movimento e linguagem de modo indissociável.

Aliada ao reconhecimento de tal repertório como ideal para o trabalho com crianças, outra ideia traz implicações pedagógicas na proposta orffiana. Segundo Gretzer e Yepes (1983), um princípio fundamental nesta proposta é a ligação entre filogênese e ontogênese, ou seja, a defesa de que cada criança percorreria, em seu desenvolvimento, etapas similares àquelas percorridas pela humanidade para chegar em seu estado atual. Neste contexto específico, tal pressuposto leva a determinações em relação ao repertório e ao material que seria adequado para o trabalho pedagógico.

Seguindo a ideia de que o desenvolvimento da humanidade se mostra no desenvolvimento de cada indivíduo, o repertório da música ocidental seria um fio condutor da educação musical e cada etapa da história seria adequada para determinada etapa do desenvolvimento da criança e do adolescente. Desta maneira, a proposta orffiana

[...] não é uma mera construção pedagógica ou um método, mas uma cristalização do processo histórico, cuja meta consiste em conectar, por meio da vivência sintética, a criança e o adolescente à herança do mundo ocidental (GRAETZER; YEPES, 1983, p. 18)

A figura do professor aparece, então, como detentor de tal herança e responsável pela sua transferência aos mais novos. Ele seria o guia das crianças no caminho pelo desenvolvimento musical previamente estruturado de acordo com a ideia de conexão entre filogênese e ontogênese. Sendo assim, é dada grande importância às

capacidades de improvisação e criação dos educadores, acreditando que estes só conseguirão guiar os processos dos alunos quando muito bem resolvidos com sua própria prática musical, prática esta baseada nas habilidades específicas requeridas na música ocidental.

Estes pensamentos implicam em uma série de determinações no âmbito didático concernentes à progressão do uso de escalas, figuras rítmicas, formas composicionais, entre outros aspectos, os quais não seria profícuo detalhar neste trabalho. No entanto, estas características centrais apresentadas já nos possibilitam algumas reflexões em uma aproximação posterior entre esta proposta e os estudos da infância.

4 | APROXIMAÇÕES ENTRE A PROPOSTA ORFFIANA E OS ESTUDOS DA INFÂNCIA

A ideia de uma *música elementar* como um repertório originário, ligado à relação entre filogênese e ontogênese, aponta para uma tendência naturalizante, como se tal repertório de cantigas e brincadeiras da tradição oral pudesse ser tomado como expressão infantil universal. Nesse sentido, os estudos da infância nos ajudam a compreender de maneira mais crítica estas manifestações. Como esclarece Fernandes:

[...] há uma cultura infantil, cujo suporte social consiste nos grupos infantis, em que as crianças adquirem, em interação, os diversos elementos do folclore infantil. Contudo, não esclarecemos, completamente, a pergunta [Aqui o autor se refere à pergunta “onde tal repertório é aprendido?” À qual as crianças respondem simplesmente “na rua”], pois ainda é possível outra suposição: e de onde vêm estes elementos da cultura infantil? Em grande parte – a quase totalidade – esses elementos provêm da cultura do adulto (FERNANDES, 2004, p. 215)

A citação precedente é parte de pesquisa acerca de grupos de crianças que se reuniam espontaneamente para brincar no bairro do Bom Retiro, São Paulo, na década de 1940. Neste estudo sobre folclore e sociologia, Fernandes (2004) toma a produção de cultura infantil como acontecimento complexo, de maneira que não nos é possível ignorar que este repertório tem suas especificidades e se dá, sim, no âmbito da cultura de pares infantil, porém, esta não está incólume à produção cultural adulta. Sobre esta questão, corrobora Sarmiento (1997, n.p) que “as culturas infantis não nascem no universo simbólico exclusivo da infância, este universo não é fechado – pelo contrário, é, mais do que qualquer outro, extremamente permeável – nem lhes é alheia a reflexividade social global”. As citações anteriores nos explicitam a impossibilidade de naturalizar a cultura da infância e liga-nos a outro assunto oriundo dos estudos de sociologia da infância e que nos ajuda em tal problematização, a saber, a reprodução interpretativa.

Para a compreensão de como operam as crianças em suas culturas de pares infantis, é preciso ter em conta que estas culturas não são geradas espontaneamente de maneira alheia, nem são mera imitação ou reprodução direta do mundo adulto.

Segundo Corsaro (2009), as crianças produzem suas próprias culturas de pares ao se apropriarem de informações do mundo adulto de maneira criativa e tal apropriação não apenas elabora e amplia as culturas infantis, como também contribui para a reprodução da cultura adulta.

Visto que a produção das crianças está, de acordo com a abordagem interpretativa (CORSARO, 2011), constantemente fundada em tentativas infantis tanto de dar sentido quanto de resistir ao mundo adulto, parece-nos impossível pensar na existência de um repertório musical exclusivamente infantil ou em uma maneira universalizável de fazer música na infância. As atividades musicais das crianças estariam perpassadas, a todo momento, tanto pela influência da produção musical adulta, quanto pela resistência à esta produção. Caberia à área da educação musical, então, superar as ideias de música espontaneamente produzida por crianças ou de internalização direta de habilidades e conhecimentos. Pensando na abordagem orffiana anteriormente apresentada, os estudos da infância ajudam-nos a compreender suas especificidades e ambiguidades.

No que concerne à proposta de Orff, podemos destacar o quanto pode ser ambíguo seu trato com a infância ao considerarmos as diferentes ideias de socialização. Ao levar em consideração o repertório das culturas infantis, o educador parece valorizar a produção das crianças. Há ainda o incentivo às práticas de improvisação e composição de arranjos como constituintes fundamentais dos processos de ensino e aprendizagem. Contudo, sua concepção de cultura infantil encontra-se centrada em um repertório específico, o qual seria expressão unívoca da infância, o que pode ser questionado. Por outro lado, a proposta pedagógica de Orff se vale deste repertório e das limitações de materiais musicais – formas, escalas, células rítmicas, etc. – como etapa específica e necessária em um processo de internalização de habilidades e conhecimentos no qual pouco espaço sobra para a ação efetiva das crianças.

Porque o repertório da cultura infantil aparece como resultado de observação em algumas culturas, e não como algo postulado previamente na proposta orffiana, sua centralidade evoca um caráter universalizável de fazer musical na infância. Este repertório, mais que um conjunto de canções e brincadeiras determinadas, consiste na cristalização de uma maneira específica de organização dos materiais citados. As possibilidades de criação estariam pautadas na flexibilidade interior desta organização prévia, ao invés de colocar a própria organização em evidência e tomá-la como uma dentre outras possibilidades.

Assim, parecem-nos pouco compatíveis as ideias oriundas dos estudos da infância explicitadas anteriormente e os pressupostos subjacentes à proposta orffiana. Aqui, apesar do pioneirismo da valorização de atividades de improvisação e criação de arranjos pelas próprias crianças e da preocupação em sugerir procedimentos didáticos relacionados às brincadeiras infantis, a cultura de pares ainda é vista de maneira pouco complexa e usada como ferramenta em um trajeto minuciosamente definido de antemão pelo adulto.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante que, admitindo esta proposta como influente na atualidade, pensemos sobre as implicações de sua adaptação. A contextualização destes pensamentos passaria não apenas pela atualização de repertório ou especificidades materiais, mas pela constante reavaliação de seus fundamentos em relação aos paradigmas estéticos que carregam e às imagens de infância na qual se fundam e que, muitas vezes, não aparecem como passíveis de problematização.

O primeiro passo para um diálogo profícuo com propostas pedagógicas surgidas em outros cenários e épocas, acreditamos, é o esforço de explicitação de seus fundamentos. Assim, torna-se possível refletir sobre suas potencialidades e limitações, com vistas a superar uma postura de simples reprodução de procedimentos didáticos. A assunção de recursos oriundos de propostas pedagógicas como a de Orff aponta para a realização de projetos de educação musical comprometidos com a infância, desde que pautada em uma constante conscientização e reavaliação de seus pressupostos. Neste trabalho, conceitos como *cultura de pares* e *reprodução interpretativa*, tomados da sociologia da infância, ajudam-nos a compreender que, ao lidar com a abordagem orffiana, faz-se necessário refletir sobre o que se entende por processos de ensino e aprendizagem mais adequados ao fazer musical na infância no tempo presente.

REFERÊNCIAS

BONA, Melita. “Carl Orff: um compositor em cena”. In ILARI, B.; MATEIRO, T. **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Ibpex, 2011, p.125 – 156.

CORSARO, William. “Peer culture”. In: QVORTRUP, J.; CORSARO, W.; HONIG, M-S. **The Palgrave Handbook of Childhood Studies**. London: Palgrave, 2009, p. 301-315.

CORSARO, William. “Culturas de pares de crianças e reprodução interpretativa”. In: **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERNANDES, Florestan. “As trocinhas do Bom Retiro”. In: FERNANDES, F. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3a edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 193-317.

GRAETZER, G.; YEPES, A. **Guía para la práctica de “Música para niños” de Carl Orff**. Buenos Aires: Ricordi, 1983.

SARMENTO, Manuel Jacinto. “Visibilidade social e estudo da infância”. In: VASCONCELOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. (org.). **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007, p. 25-49.

SARMENTO, Manuel Jacinto. “As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo”. In: PINTO, M; SARMENTO, M. **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança/ Universidade do Minho, 1997, p. 9-30.

SOBRE A ORGANIZADORA

JOSIANE PAULA MALTAURO LOPES Doutora em Música - Linha de Pesquisa Educação e Música pela UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2018). Mestre em Música - Educação Musical pela UDESC - Universidade Estadual de Santa Catarina (2010). Especialista em Docência no Ensino Superior pela Unipan/Faciap de Cascavel (2007). Possui graduação em Licenciatura em Música pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (2005) e graduação Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná (2005). Atualmente é Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da área de Arte/Música no IFPR *Campus Assis Chateaubriand*. Foi Coordenadora de Ensino do *Campus Assis Chateaubriand* do IFPR no ano de 2018. Atuou como Professora EBTT do IFMS da área de Artes/ Música. Foi Coordenadora da Especialização *lato sensu* em Docência para a Educação Profissional, Científica e Tecnológica no IFMS - Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus Ponta Porã*. Atuou no setor administrativo do IFMS *Campus Ponta Porã* como Chefe de Gabinete de 2011 até 2015. Atuou como bolsista FNDE na Coordenação de Polo de Educação à Distância do IFMS em parceria com o município de Ponta Porã no período de 2013 a 2015. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Música, atuando principalmente nos seguintes temas: música, musicalização, educação musical de jovens e adultos, educação musical ambientes formais e não-formais, expressão vocal e educação musical. Alguns trabalhos publicados e apresentados em congressos regionais e nacionais na área de Educação Musical.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizado Inicial do Violino 7, 71, 72, 73, 74

Audiação 6, 8, 31, 32, 33, 36, 37, 38, 39, 41

B

Barítono 6, 51, 52, 53, 54, 57, 58, 60, 61

C

Canto 6, 8, 3, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69

Carl Orff 5, 8, 8, 9, 10, 14, 24

Classificação Vocal 51, 52, 53, 54, 60, 61

Cognição 71, 74, 78, 79

Criatividade 4, 15, 17

Cultura de Pares 5, 8, 9, 12, 13, 14

D

Desenvolvimento 5, 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 26, 33, 34, 36, 39, 41, 42, 58, 59, 65, 66, 71, 72, 73, 74, 75, 76

Dialética 15, 18, 34, 36

Dicção para Cantores 6, 8, 43

E

Educação Infantil 5, 8, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7

Educação Musical 5, 6, 8, 3, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 21, 23, 24, 27, 29, 31, 62, 73, 79, 80

Espanhol Cantado 43

I

Improvisação Livre 5, 6, 8, 16, 23, 24, 27, 28, 29

Influência do Canto na Interpretação da Viola 64

Interpretação Instrumental 6, 8, 64, 65, 66, 67, 69

L

Linguagem 5, 6, 8, 1, 2, 4, 6, 10, 11, 22, 26, 27, 28, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 66, 68

M

Movimento Escola Moderna 5, 6, 8, 23, 24, 25, 27, 29

Murray Schafer 15, 16, 17

Música 2, 5, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 50, 51, 55, 58, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 79, 80

P

Pedagogia Freinet 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30

Pedagogia Histórico-Crítica 6, 8, 22, 31, 33, 41, 42

Pedagogia Vocal 43, 51, 52, 63

Português Brasileiro Cantado 43

Práticas Pedagógicas 15, 72

Psicologia Histórico-Cultural 6, 16, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 41, 42

R

Reprodução Interpretativa 5, 8, 9, 12, 14

Retórica e Oratória 64

S

Ševčík 6, 7, 9, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79

T

Técnica Vocal 54, 59, 60

V

Violino 6, 7, 9, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-548-8

